

A Doutrina da Trindade em Agostinho (354-430)

Ronaldo Bandeira Henriques (Bolsista PIBIC/CNPq)

Orientador: Moacyr Ayres Novaes Filho

O trabalho consiste em uma pesquisa na obra-prima dogmático-filosófico-teológica de Agostinho escrita de 399-414 A.D., sob o título *A Trindade*¹. O objetivo é entender o que ele quis dizer quando afirma que Deus é Trindade. Para isso pretendo estudar os seguintes pontos:

a) O conceito básico sobre o qual ele sustenta sua interpretação é o seguinte: para falar do inefável, para que de algum modo pudéssemos expressar aquilo que de modo algum se pode explicar, os nossos gregos usaram esta expressão: 'uma essência, três substâncias'. Já os latinos disseram: 'uma essência, ou substância três pessoas', porque (...), em latim, essência e substância são considerados sinônimos. (Cf. Livro V, Capítulos 1-5)

Essa igualdade de substância faz com que não se possa considerar o Pai como Deus por excelência, ou seja em um sentido privilegiado (como o consideraram muitos gregos), mas considerar Deus, em sentido absoluto, como Pai e Filho e Espírito. O Pai, o Filho e o Espírito "são inseparáveis no ser e, da mesma forma, operam inseparavelmente"; "a Trindade mesma é o único e verdadeiro Deus" (Livro I, 5). Assim não há diferença hierárquica nem diferença de funções na Trindade, mas absoluta igualdade.

b) A distinção que Agostinho faz entre as Pessoas, com base no conceito de relação, que se tornou muito célebre. Na obra "A Cidade de Deus", ele resume esta sua doutrina das relações dizendo que a natureza do Bem é una e idêntica no Pai, no Filho e no Espírito Santo e na obra "A Trindade" acrescenta o seguinte: O Espírito santo é distinto mas não diverso, porque é igualmente simples e igualmente Bem eterno e imutável. E essa Trindade é um só Deus, não tirando de Deus a simplicidade. Assim, nós não dizemos ser simples a natureza do Bem porque nela existia só o pai, só o Filho ou só o Espírito Santo ou porque esta Trindade seja tal apenas de nome, sem a real existência das pessoas (como acreditavam os heréticos sabelianos), mas sim, porque é aquilo que tem, exceto nas relações entre uma e outra Pessoa. Assim, certamente, o Pai tem Filho, mas não é o Filho, o Filho tem Pai, mas não é o Pai. (Livro 15.17)

Mas, naturalmente a passagem basilar pode ser lida na Trindade, que transcrevemos por inteiro porque, além de chave para entender a doutrina agostiniana, constitui um marco na teologia ocidental: Em Deus nada tem significado acidental, porque nele não há acidente; e, no entanto, nem tudo que se prega sobre ele prega-se segundo a substância. Nas coisas criadas e mutáveis, aquilo que não se prega em sentido substancial só pode ser pregado em sentido acidental, (...). Mas, em Deus, nada se prega sem sentido acidental, porque nele não há nada de mutável; e, no entanto, nem tudo que se prega prega-se em sentido substancial. Com efeito, fala-se às vezes de Deus segundo a relação: desse modo, o Pai é dito em relação ao

Filho, e o Filho em relação ao Pai e essa relação não é acidental, porque um é sempre Pai e o outro é sempre Filho. 'Sempre' não no sentido de que o Pai não deixe de ser Pai a partir do nascimento do Filho ou porque a partir deste momento o Filho não deixe de ser Filho, mas sim no sentido de que o filho nasceu desde sempre e nunca começou a ser Filho. Porque, se houvesse começado em um determinado tempo a ser Filho e um dia deixasse de sê-lo, essa seria uma denominação acidental. Por outro lado, se o Pai fosse chamado Pai em relação a si mesmo e não em relação ao Filho e se o Filho fosse chamado Filho em relação a si mesmo e não em relação ao Pai, um seria chamado Pai e outro Filho em sentido substancial. Mas, como o Pai só é chamado Pai porque tem um Filho e o Filho só é chamado Filho porque tem um Pai, não se trata de determinações que diz respeito à substância. Nem um nem outro refere-se a si mesmo, mas um ao outro. E essas determinações dizem respeito à relação e não são de ordem acidental, porque aquilo que se chama Pai e aquilo que se chama Filho são eternos e imutáveis. Embora não seja a mesma coisa ser Pai, ser Filho e ser Espírito, eis por que a substância não é diversa, porque estas denominações não pertencem à ordem da substância, mas sim da relação, relação que não é acidental, porque não é mutável. (Livro V, 4.5.6)

C) Um terceiro ponto fundamental da doutrina trinitária agostiniana consiste nas analogias triádicas que ele descobre no criado, as quais, de simples vestígios da Trindade nas coisas e no homem exterior, tornam-se na alma humana, verdadeira imagem da própria Trindade. Entre muitas analogias vejamos duas: Todas as coisas criadas apresentam "unidade forma e ordem" tanto as coisas corpóreas como as almas incorpóreas. Ora, assim como das obras nós remontamos ao Criador, que é Deus Uno e Trino, nós podemos considerar estas três características como um vestígios deixados pela Trindade em sua obra: É na Trindade, com efeito, que se encontra a fonte suprema de todas as coisas, a beleza perfeita, a alegria completa. Assim, essas três coisas parecem si determinar reciprocamente e, em si mesmas, são infinitas. Só que, aqui, nas coisas corpóreas, uma coisa só não é igual a três coisas juntas e duas coisas são mais que uma só, ao passo que na suprema Trindade, uma coisa só é tão grande como três coisas juntas e duas não são maiores do que uma. Ademais, elas são infinitas em si mesmas. Assim, cada uma delas está em cada uma das outras, todas estão em cada uma, cada uma em todas, todas em todas e todas são uma só coisa. (Livro 5, 10)

Analogicamente, em um nível mais alto, a mente humana é a imagem da Trindade, porque também é una-e-trina, no sentido que é mente e, como tal, conhece-se a si mesma e ama-se a si mesma.

Assim, a mente, o seu conhecimento e o seu amor são três coisas. E estas três coisas nada mais são do que uma e, quando são perfeitas, são iguais. (Livro IX, 4)

Na investigação das analogias trinitárias do espírito humano está uma das maiores novidades de Agostinho em relação a este tema. O conhecimento do homem e o conhecimento de Deus Uno-Trino iluminam-se mutuamente, quase que como num espelho, de modo admirável, realizando perfeitamente o projeto de filosofar agostiniano: conhecer Deus e a própria alma, Deus através da alma, a alma através de Deus.

NOTAS

1. Agostinho, *A Trindade*, (São Paulo: Paulus, 1994), 726 p.